

RESENHA

## A escola que toda criança merece ter

Lilian Anna Wachowicz e Osny Telles Marcondes Machado

*Igor Zanoni Constant Carneiro Leão\**

**Resumo:** O processo de aprendizagem do qual a cultura e a afliência sociais tanto dependem foi percebido e teorizado por inúmeros autores, destacando-se no texto a figura do romeno Reuven Feuerstein, que pensava no processo cognitivo como sucessivas aquisições ao longo da vida e na mediação do professor como uma figura de adulto-chave na sistematização do saber e na sua crítica. Este processo, todavia, tem uma matriz social da qual depende, abrindo espaço para uma escola que precisamos ter e outra que temos e não merecemos ter.

**Palavras-chave:** Escola; Políticas sociais; Métodos pedagógicos.

**Classificação JEL:** I21; I31; O15.



\* Doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço eletrônico: igorzaleao@yahoo.com.br.

Este texto consiste em algumas reflexões a partir do belo livro *A escola que toda criança merece ter*, de Lílian Anna Wachowicz e Osny Telles Marcondes Machado (Brasília, Líber Livros, 2011), sobre temas relativos à aprendizagem, tais como a mediação, a autonomia, o clima afetivo, o preconceito e outros.

O livro tem como contexto a história da Escola Estadual de Demonstração Pedagógica, criada em Curitiba pelas autoras a partir do Instituto de Educação do Paraná, nos já distantes anos setenta, como forma de uma escola de estágio para alunas do curso normal que desejavam o diploma de professora primária. Esta experiência foi o início de uma prática e de uma teoria a respeito dos diversos problemas envolvendo a aprendizagem e especialmente a formação da reflexão científica da criança dentro desta aprendizagem. Meu propósito aqui limita-se aos dois últimos capítulos do livro, sobre a valorização da aprendizagem pela sociedade e sobre a qualificação de professores.

Neste contexto, as autoras lembram que um dos grandes problemas da educação na atualidade é o abandono das crianças à sua própria sorte em relação à aprendizagem, uma vez que os adultos pouco tempo têm para dedicar às crianças quando necessário seria conversar, e muito, com elas. Esta necessidade pode ser entendida pelo conceito de mediação, mediante a qual o adulto aja no processo entre o que a criança precisa aprender e o que ela já sabe. O mediador é o pai, a mãe, a professora e o professor, agindo nesse espaço da experiência da criança enquanto pessoa mediada.

A escola é, assim, composta pela sua direção, os professores, o corpo discente e os pais dos alunos. A direção da escola é a chave para organizar o investimento crucial no professor e na sala de aula. Uma pesquisa realizada em Pinhais, na grande Curitiba, em 2008 (Oliveira, 2009) revela que os pais nas classes sociais C e D consideram a escolaridade a única ponte que seus filhos têm para alcançar uma vida melhor. Nas classes A e B a responsabilidade explícita da escola para com a aprendizagem leva os pais a delegarem totalmente para os professores a questão da qualidade. A gestão da escola é fundamental para atingir tal qualidade, mas o papel dos pais e das mães não deve ser subestimado. Por sua vez, a qualidade do trabalho pedagógico se relaciona diretamente à forma didática pela qual o professor e a professora conduzem o processo de aprendizagem na sala de aula.

O diretor ou a diretora trabalhando com uma equipe pedagógica exerce o cuidado com a coerência entre o projeto político-pedagógico da escola e o seu cotidiano, cuidando todo o tempo do objetivo primordial que é o trabalho com o conhecimento sistematizado. Para cumprir esse objetivo, o ensino e a aprendizagem são criativos e têm como principais agentes professores e professoras, alunos e alunas. Os primeiros assumem profissionalmente a questão didática específica e a questão da gestão da escola, mas há um ponto de interesse comum entre pais e professores que é a aprendizagem dos alunos.

Para atingir o nível desejado de aprendizado, é necessário que se cumpram alguns critérios; a saber, o significado, a reciprocidade e a transcendência. A aprendizagem mediada pode contribuir de modo significativo para o acervo de conhecimentos com que os professores e professoras podem ser formados para o trabalho de docência e da gestão da escola. A criação do sentido refere-se à etapa do conhecimento na qual a inteligência percebe o significado da nova aprendizagem.

Por sua vez, a reciprocidade está em que os professores queiram que os alunos aprendam e os alunos queiram aprender. Quando a significação do conhecimento é percebida, o desejo de conhecer é despertado, porque a inteligência se torna mais livre graças a esse conhecimento.

Por fim, nesse processo atinge-se a transcendência, que é o ponto de partida para outra situação de vida, possibilitando que a criança faça, sozinha, a elaboração da relação entre o que ela quer para atender as suas necessidades e a forma de atingi-las. Nasce aí o momento no qual a criança percebe a compreensão, o raciocínio lógico, a dedução, a formação de relações entre o que o aluno sabe e os novos conhecimentos como um processo de aprender a aprender, ou seja, da consciência de como ocorre o processo de aprender (metacognição).

A criança, então, pode elaborar soluções novas para os problemas que surgem partindo do significado como princípio energético e emocional, que vai do(a) professor(a) até ela, na forma do estímulo necessário. Essa energia necessária à transcendência exige afeto do(a) professor(a), mãe e/ou pai, propondo estímulos para a situação de mediação que fazem com que a criança seja acolhida emocionalmente nas suas necessidades de aprendizagem. O sentimento é a força da aprendizagem ou, como ensina Reuven Feuerstein, autor romeno que pela primeira vez organizou mediante instrumentos essas ideias, quando eu sei, eu

sinto (Souza, A. M.; Depresbiteris, L.; Machado, O. T. M., 2004).

A cultura define a amplitude do raio de ação do pensamento, uma vez que a pessoa pode ir mais longe no seu raciocínio e na sua imaginação dependendo de uma aquisição prévia de sua cultura. Atualmente, há fatores culturais que exigem da escola uma mudança, por sua importância na relação do trabalho pedagógico e da participação dos pais: a rápida modificação da sociedade a partir das mudanças tecnológicas, o crescimento da violência inclusive dentro das escolas e a resistência contra as mudanças da escola tal como ela está. Quando esses condicionantes são esquecidos, a escola é vista fora da sua relação com a sociedade, como se seu poder diante dessa sociedade fosse absoluto e não relativo.

Além da postura tradicional em relação aos conhecimentos sistematizados, que os percebe como um valor em si mesmo, professores e professoras resistem a mudanças na didática, que deve ter maior espaço do que a fala de um professor repetindo autores nos livros, já que, ao contrário, o falar com os alunos significa ouvir seus argumentos, perceber seu significado, responder de modo adequado. Muitos professores sequer fazem a censura científica dos conhecimentos inadequados, ou falsos, contidos em livros didáticos, revelando a disjuntiva entre o rigor da ciência necessária ao ensino e as leis do mercado que impõem a venda indiscriminada de livros didáticos.

Os pais e mães também precisam compreender a complexidade da aprendizagem mediada e sua prática do cotidiano, deixando de admirar o que vivenciaram no seu tempo de estudante e o conhecimento por si mesmo. Muitos pais e mães abandonam o acompanhamento da fase de aprendizagem das crianças, deixando as escolas sozinhas neste trabalho. Na verdade, a interação do pai com a criança não pode ser delegada, uma vez que conversar implica na demonstração de afeto que por sua vez provoca reciprocidade. Os filhos que se sentem amados retribuem com amor sua percepção. Isto implica em dar à criança uma dimensão da vida que as leis de mercado, que muitos afirmam reger nossas vidas, jamais poderão dar. Essa dimensão se liga a valores que sedimentam a vida das pessoas em uma determinada direção, tornando a pessoa dona de uma coerência entre o seu agir, pensar e sentir.

Deve haver uma parceria natural quando os pais valorizam a escola e o trabalho específico do professor, que parte dos conceitos espontâneos formados

no dia a dia até os conceitos chamados científicos, que os organizam em um plano abstrato ou sistematizado. Nesse sentido as autoras afirmam:

A questão não é somente apresentar aos alunos e alunas o conhecimento. O mais importante é fazer com que os meios para conquistar o conhecimento sejam acessíveis a eles. É mais: a compreensão dos meios pelos quais os conhecimentos foram produzidos deve ser tratada como um bem acessível a toda a população. Então teríamos as condições para uma escola democrática: a distribuição dos meios da produção dos conhecimentos pertenceria a toda a população e o poder do conhecimento seria distribuído entre todos. (Wachowicz, L. A.; Machado, O. T. M., 2009, p. 122).

Fica claro, portanto, que os critérios fundamentais da escola que toda criança merece ter são a democracia, em termo de gestão das pessoas, de escolas e de conhecimentos, e a aprendizagem mediada, em termos da sala de aula. Tornar esses critérios uma prática cotidiana será sempre uma luta diária contra a maneira dominante de pensar e de sentir a vida, numa sociedade ainda voltada para as leis de mercado e, em muitos casos, inconsciente delas.

Na qualificação dos professores, propriamente dita, visa-se uma aprendizagem capaz de atingir a formação dos conceitos abstratos ou científicos. Ela exige que os professores dominem os conteúdos com que os alunos vão trabalhar, buscando também sua aplicação no plano de como as coisas são na natureza e na cultura. Por outro lado, como o conhecimento avança rapidamente, é difícil que os professores se mantenham atualizados. Isto depende dos meios de produção e distribuição dos conhecimentos, ou seja, uma democratização de um saber que também viabilize uma democratização do poder, o poder de entender para modificar a própria vida e a sociedade. A metodologia chamada inversão didática consiste em estudar as teorias da educação tendo como ponto de partida a prática profissional dos que já atuam como professores mas são também alunos dos cursos de pedagogia e do mestrado em educação (Wachowicz, 2009).

Esse método permite refletir com as vivências trazidas pelos alunos-professores, mantendo-os atualizados porque as aulas passam a ser feitas por todos eles, de forma coletiva e organizada. Deixa-se de decorar o texto de cada aula antes de ser dada e passa-se a buscar a bibliografia mais atualizada sobre os temas tratados. Todavia, todos os que passamos por uma escola temos a percepção e a vivência de uma aprendizagem em sala de aula como alunos,

professores ou pais e mães. Podemos perceber, então, algumas indicações a questões complexas como estas: *como as crianças, nossos filhos e nossos alunos, aprendem? Como podem os professores manter seus conhecimentos atualizados?*

Partindo do princípio de que cada pessoa é diferente das outras, também a aprendizagem é diferente em cada pessoa, pois cada um tem suas próprias estratégias de aprendizagem. Através da mediação, a aprendizagem vai consistir em desenvolver em cada pessoa a capacidade de compreender significados e criar símbolos, tanto no meio social que é a família e/ou a escola, ou em outros meios sociais. A escola tem como objetivo específico desenvolver essa capacidade de aprendizagem, trabalhando com os conhecimentos científicos. Se os professores e professoras puderem acreditar que são capazes de desenvolver sua capacidade cognitiva, também os seus alunos se beneficiarão desse processo.

Na lógica da aprendizagem encontram-se muitos fatores que afetam a pessoa que aprende. Eles devem ser cuidados de forma a levar a pessoa a acreditar que pode aprender e a ter segurança em si mesma. As condições emocionais, as condições biológicas e as condições sociais e culturais de cada pessoa funcionam juntas e ao mesmo tempo, e através delas a capacidade de pensar vai sendo formada desde muito cedo na criança, o que a torna capaz de aprender.

Os chamados conteúdos na aprendizagem são estímulos que geram as estratégias de conhecimento. Elas se formam quando as condições de segurança e de acreditar na capacidade de aprender são favoráveis. Cada campo do conhecimento possui uma metodologia de aprendizagem e as estratégias adequadas a elas. O papel do professor aí é atribuir significados aos estímulos para interação entre os alunos e a cultura. Os alunos são, assim, levados a pensar:

Os professores e professoras são os mediadores na transmissão da cultura. Os alunos são os mediados. Quem realiza a aprendizagem é mediado. Ele é o sujeito de sua própria aprendizagem. Mas o papel do professor enquanto mediador da cultura é importantíssimo, porque cada pessoa somente pode chegar a pertencer a uma cultura mediante a compreensão dos significados e símbolos dessa cultura. (Wachowicz, L. A.; Machado, O. T. M., 2009, p. 131).

Não basta, portanto, que o professor tenha domínio do campo de conhecimento com o qual trabalha para que os alunos aprendam, porque nenhum professor pode acreditar que “ensinou” alguma coisa se os alunos não

a aprenderem. Pensando em uma aula expositiva, ela só terá valor se fornecer estímulos para operações mentais como a reflexão sobre os argumentos, o raciocínio com as relações entre esses argumentos e a resposta para esta pergunta crucial: *por que a realidade, da natureza e da cultura, é assim como está sendo apresentada?* Dessa forma, a partir do conhecimento do professor deve se desenvolver a autoconfiança do aluno, manifestando a ousadia de ter e expressar pensamentos próprios de acordo com seus questionamentos. Só assim ele estará participando da aula do professor, que se tornará uma aula viva.

O professor ou professora age, assim, como um adulto, que não é um “ser amigo das crianças”, equiparando-se a elas e deixando de ser o mediador entre as crianças, os jovens e a cultura. Eles se tornam, assim como os pais, uma referência de segurança afetiva onde pode se instalar o processo de aprendizagem e de inserção do aluno na cultura.

Passando a alguns comentários sobre o resumo feito acima, lembro que o texto insiste no fato de que não há criança ou ser humano algum descontextualizado socialmente (carregando no significando múltiplo que possui a palavra sociedade). Assim, haverá múltiplos processos de aprendizagem mediada segundo este contexto, múltiplos não em um sentido aritmético, mas de complexidade dos problemas que eles irão apresentar.

Para ficar em alguns aspectos bem marcantes no Brasil, a fratura social que o país apresenta mostra-se especialmente entre áreas das cidades e regiões metropolitanas. Nas áreas mais pobres da Região Metropolitana de Curitiba, onde moro, há comunidades que vivem em espaços vedados, controlados, cuja renda principal vem dos lixões e dos subsídios públicos. A presença do poder público aí é exígua, limitando-se a um posto de saúde sobrecarregado e uma pequena escola. Este é um dado preliminar na vivência das crianças e na interação pedagógica. A norma culta, a cultura letrada e os meios mais modernos de comunicação, pesquisa através da *web*, dentre outros meios, são reduzidos e quando presentes adquirem usos e sentidos particulares.

Mesmo em bairros e localidades melhor situados, a aprendizagem passa por métodos arcaicos como copiar trechos da lousa ou do livro didático, e por técnicas como perguntas que requerem a leitura de dois ou mais capítulos de um livro que não são discutidos ou o são apenas superficialmente. Leitura de livros não didáticos é quase excluída da vida dos alunos. Em casa, o material

que a televisão aberta apresenta é o mais acessível às crianças, e as redes sociais reproduzem a percepção da realidade de forma monótona e centrada em relacionamentos muitas vezes precoces. A forma de socialização primária dos mais novos, e dos demais também em larga medida, passa antes pelo imediato, sem perspectivas, sem questionamentos. Inclusive porque essas regiões sofrem a violência como princípio hierárquico e organizador. Disputam esse poder os traficantes, as milícias, lideranças religiosas e políticas, dentre outras. Daí a enorme violência a que todos estão submetidos. Hoje a Região Metropolitana de Curitiba está entre as quarenta áreas mais violentas do mundo, lado a lado com áreas como o norte do México ou outras no Oriente Médio e no centro e sul da Ásia, por exemplo.

As crianças são as vítimas preferidas por essa violência. Segundo pesquisas recentes, o número de crianças mortas em casa a cada dia no Brasil tem crescido regularmente, sem esquecermos as mortas pelo tráfico ou por deficiências na alimentação e no atendimento médico. Somam-se as crianças que sofrem de violência sexual inclusive por membros da própria família, e sabe-se de avôs tendo relacionamentos com netas ou pais com filhas como dados notórios.

É interessante perguntar como pode se dar o processo de aprendizagem a partir dessas vidas dolorosas, que trazem no corpo marcas de um mundo que talvez seja melhor esquecer. Como fazer da escola um local prazeroso de crescimento cognitivo e emocional, como mobilizar o emocional e permitir a transcendência entre o particular e o geral? As professoras e professores de periferia são vítimas dos próprios alunos, em suas formas mais agressivas, ou assistem ao completo desinteresse pelas aulas. Essas crianças recebem o rótulo de crianças com déficit de atenção, sintoma de sua ansiedade e medo, e são prodigamente tratadas com ritalina, que é um ansiolítico potente. Os próprios pais e professores aprovam essa barbaridade, que é a medicalização de um mal social atingindo a vida do ser humano desde a infância.

Mesmo saindo desses casos que ao mesmo tempo são extremos, mas tendem à norma, é claro que hoje a escola é um lugar social e físico pouco lúdico e prazeroso. Se pensarmos no plano de conceituadas universidades, na graduação como em cursos de pós-graduação, vigoram as tediosas e autoritárias aulas de quadro-negro, o professor em pé expondo seu conhecimento que compartilha



mas não discute porque não o questiona. As aulas em uma faculdade, em seus vários andares a partir dos anos iniciais, tornam-se crescentemente tendentes à norma e ao insignificante, mas dotados do símbolo da excelência acadêmica muitas vezes irrelevante. É interessante notar que em uma universidade os vários setores e departamentos têm uma cultura própria, e o que se observa em alguns não se vê em outros. Penso que algumas áreas do conhecimento se tornam mais permeadas à lógica do mercado que outras mais ligadas ao hoje tão desgastado, mas necessário, conceito de cidadania e de pensamento crítico.

De todo modo, não desejo aqui senão perguntar o óbvio: por que se insiste em dar e assistir aulas que não funcionam? A partir do segundo ano em uma faculdade, os alunos parecem perceber os professores como um obstáculo entre eles e o diploma, e tratam de aprender estratégias para passar de ano ou ser aprovado em cada matéria. Dificilmente os próprios professores estão livres de um produtivismo que os tornam profissionais do ganho extra ou da proliferação de artigos convenientemente situados no *mainstream*. Poucos se dedicam à docência em um sentido mais adequado do termo.

Além disso, a realidade que todos percebem no mundo é a crescente insegurança de trabalho e renda, no setor privado e mesmo no público, empregos desinteressantes e salários aviltados. Um auxiliar administrativo permanece anos a fio nessa função sem nenhum incentivo significativo, antes vivendo os controles de tempo e desempenho costumeiros, o salário de hoje inferior ao do início no mercado, enquanto crescem as exigências de qualificação das empresas. As questões pedagógicas no Brasil se colocam desde já no plano da cidadania e dos direitos humanos nos quais o país falha tanto.

## Referências

- Oliveira, C. A.; Wachowicz, L. A. (2009). “Les enjeux, les défis et les limites d’une recherche contextualisée dans le cadre de milieux populaires au Brésil”. In: *Réformes et recherches en éducation: paradoxes, dialectiques, compromis?* Montréal. Colloque International AFIRSE 2009.
- Souza, A. M.; Depresbiteris, L.; Machado, O. T. M. (2004). *A mediação como princípio educacional*. Bases teóricas das abordagens de REUVEN FEURSTEIN. São Paulo: Editora SENAC São Paulo.
- Wachowicz, L. A. (2009). *Pedagogia Mediadora*. Petrópolis: Editora Vozes.

